

ENSINO DE HISTÓRIA: FONTES E LINGUAGENS PARA UMA PRÁTICA RENOVADA

HISTORY TEACHING: SOURCES AND LANGUAGES FOR A RENEWED PRACTICE

ELISABETH WEBER MEDEIROS*

RESUMO

A revolução tecnológica que atinge todos os segmentos da sociedade e a crise de paradigmas são transformações que ocorreram na segunda metade do século XX e que exigiram da escola uma maior reflexão sobre suas antigas e tradicionais práticas. Nas últimas décadas, com o surgimento, na escola dos Annalles, da Nova História, a ampliação de fontes e temas para a pesquisa histórica e para as novas tecnologias a serviço da área educacional desencadeou um intenso debate sobre as questões metodológicas e estratégias que envolvem o ensino de História. Em decorrência desse aspecto, o professor de História tem diversificado o uso de novas fontes e linguagens no ensino da disciplina na Educação Básica, tornando o processo de aprendizagem mais dinâmico e participativo. As sugestões e reflexões apresentadas neste artigo são produto de uma experiência docente em disciplinas como Didática do Ensino de História e Produção Didática em História. Muitas vezes, como professores, priorizamos a publicação de trabalhos científicos resultantes de projetos de pesquisa, porém não valorizamos a nossa produção feita especialmente para a sala de aula. Este trabalho é a tentativa de sistematização de uma prática construída no decorrer de vários semestres e fruto dos mais diferentes materiais, como transparências, textos digitados, esquemas e discussões com alunos, guardados em diferentes arquivos. É intenção, neste trabalho, socializar as práticas experienciadas no cotidiano da sala de aula.

Palavras-chave: Ensino de História; Novas fontes e linguagens; Educação Básica.

ABSTRACT

The technological revolution which reaches all the segments of society and the crisis of paradigms are transformations that took place in the second half of the 20th century and that demanded of the school a greater reflection on its old and traditional practices. In the last decades, with the emergence of the New History, inside the Annalles School, proposing new approaches, as well as the amplification of sources and themes for the historical research and new technologies serving the educational area, an intense debate on methodological questions and strategies which involve the teaching of History has been brought about. Considering this aspect, the History teacher has diversified the use of new sources and languages in the teaching of the discipline in Elementary Education, making the learning process more dynamic and interactive. The suggestions and reflections presented in this article are product of a cumulative experience as a teacher of disciplines such as Didactics of the History Teaching and Didactic Production in History. Many times, as teachers, we prioritize the publication of scientific academic papers resulting from research projects, but we do not value what is especially produced for the classroom. This paper is an attempt to systematize a practice built in the course of several semesters and the output of very different materials such as transparencies, typed texts, outlines and discussions with the students, kept in different files. The purpose of this work is to socialize the everyday practices experienced in the classroom.

Keywords: History teaching; New sources and languages; Elementary Education.

* Professora do Curso de História do Centro Universitário Franciscano.

INTRODUÇÃO

O intenso processo de globalização que define uma nova ordem mundial, a revolução tecnológica que atinge todos os segmentos da sociedade e a crise de paradigmas são transformações que ocorreram na segunda metade do século XX e que exigiram da escola uma maior reflexão sobre suas antigas e tradicionais práticas. Nesse contexto, é fundamental uma reflexão crítica sobre as situações de ensino-aprendizagem vivenciadas, de modo especial, no ensino de História, para que possam os identificar os fatores que hoje interferem no processo pedagógico dessa disciplina na Educação Básica.

Nas últimas décadas, com o surgimento da Nova História, na escola dos Annalles, a ampliação de fontes e de temas para a pesquisa histórica e para as novas tecnologias a serviço da área educacional desencadeou um intenso debate sobre as questões metodológicas e estratégias que envolvem o ensino de História. O processo de crítica atinge, principalmente, a permanência da forma tradicional da aula de História, estruturada sobre o factual, a memorização e o intenso uso do livro didático e paradidático, em substituição a um planejamento decorrente de uma ação reflexiva do professor.

A prática pedagógica sofreu inúmeras alterações, considerando os aspectos acima mencionados. O aluno, exposto aos mais diversos estímulos na sociedade da qual a escola faz parte, não mais aceita ser um sujeito passivo no processo de ensino-aprendizagem. Em decorrência desse aspecto, o professor de História tem ampliado o uso de novas fontes e linguagens no ensino da disciplina na Educação Básica, diversificando a utilização de materiais

didáticos como instrumentos de trabalho no processo ensino-aprendizagem. A utilização de documentos escritos, fontes imagéticas, histórias em quadrinhos, música, entre outros, tem sido um novo desafio metodológico.

As metodologias de ensino na escola de hoje exigem do professor uma postura reflexiva e constante atualização. O uso de diferentes linguagens, parte do mundo em que o aluno está inserido, auxilia na difusão e compreensão do conhecimento histórico escolar. A incorporação dessas linguagens evidencia também a aproximação que deve existir entre o conhecimento histórico e a realidade em que o aluno vive, trazendo para a sala de aula um novo conceito de ensino e aprendizagem.

As sugestões e reflexões apresentadas neste artigo são produto de uma experiência acumulada como docente de Didática do Ensino de História e Produção Didática em História. Muitas vezes, como professores, priorizamos a publicação de trabalhos científicos resultantes de projetos de pesquisa, porém não valorizamos a nossa produção feita especialmente para a sala de aula. Este trabalho é a tentativa de sistematização de uma prática construída no decorrer de vários semestres e fruto dos mais diferentes materiais, como transparências, textos digitados, esquemas e discussões com alunos, guardados em diferentes arquivos. É intenção, neste trabalho, socializar essas práticas experienciadas no cotidiano da sala de aula.

FONTES E LINGUAGENS ALTERNATIVAS NO ENSINO DE HISTÓRIA

O uso de diferentes fontes e linguagens no ensino de História tem contribuído não só para ampliar o campo de estudo da disciplina, como

também estabelecer um novo conceito de ensino-aprendizagem, tornando o processo mais dinâmico, significativo e prazeroso. O uso de imagens e documentos escritos tem contribuído para dar significado ao conteúdo histórico, tornando-o real, redimensionando a transposição didática do conhecimento histórico.

A incorporação de diferentes linguagens no ensino de História reconhece não só a vinculação entre o saber escolar e a vida social, como também a necessidade de (re) construir propostas de ensino e aprendizagem (FONSECA, 2003). A perspectiva construtivista exerce hoje grande influência nas práticas pedagógicas, trazendo para os processos de construção do conhecimento histórico novas contribuições. A questão curricular, foco de novos estudos, sofre intensos questionamentos com o objetivo de discutir a validade dos conhecimentos transmitidos pela escola. As mudanças culturais, sociais e econômicas que ocorrem no mundo atual exigem, por sua vez, novas posturas do professor, apontando para a necessidade de conhecer a direção dessas mudanças, para ajustá-las às novas necessidades. Nesse sentido, podemos pensar que “[...] a História perdeu seu antigo perfil de função moralizadora, hoje, mais do que nunca, é necessária uma formação histórica que possibilite formar sujeitos pensantes e criativos” (CARBONARI, 2001, p.14).

As crianças e adolescentes que freqüentam as escolas têm enorme contato com a televisão, com o cinema, com revistas, jornais e com a Internet, porém, quando entram na sala de aula, deparam-se com um mundo diferente, monótono, pois poucos desses recursos são utilizados pelos professores. Isso gera um aparente conflito entre alunos/professores/escola, ocasionando não só o desinteresse pelo conteúdo como também situações de indisciplina e falta

de participação em sala de aula. Por outro lado, as novas teorias sobre a construção do conhecimento e o processo de ensino-aprendizagem exigem do professor um redimensionamento da sua prática, incorporando ações reflexivas, conscientes e coerentes teoricamente, superando a memorização, o monólogo e a passividade do aluno. Hoje, como competência, exige-se que o professor seja, além de pesquisador/orientador, um profissional reflexivo e mediador de relações “[...] entre os sujeitos, o mundo e suas representações, e o conhecimento” (FONSECA, 2003, p. 164).

Novas metodologias em tempos atuais, segundo Gomes da Costa (2003), servem, na escola, para aperfeiçoar uma nova visão de homem, de mundo e de conhecimento. Uma visão de homem capaz de fazer do aluno não um mero receptáculo, mas alguém que tenha iniciativa, compromisso e liberdade. Uma visão de mundo que impulsiona esse aluno a relacionar-se com a família, com seu grupo social, com a cidade e, virtualmente, com o país e o mundo.

Então, o trabalho com diferentes fontes, linguagens, temas e recursos exige do professor constante atualização, pesquisa e permanente renovação das metodologias em sala de aula. Por outro lado, a participação do aluno, na construção do conhecimento histórico que essa forma de trabalho permite, possibilitará a formação de competências para a convivência em um mundo cada vez mais complexo.

Para tanto, com base em pesquisas e na experiência docente de disciplinas como Didática do Ensino de História e Produção Didática em História, apresentamos algumas sugestões que possibilitam o desenvolvimento do ensino de História, através de linguagens, fontes e recursos alternativos.

Documentos escritos

O trabalho com documentos adquiriu, a partir das novas abordagens teórico-metodológicas, um amplo espaço e significado. O uso de documentos possibilita ao aluno a vivência com situações concretas, permitindo o desenvolvimento de competências como a autonomia intelectual na construção do conhecimento histórico, levando-o a desenvolver argumentações e análises críticas a respeito do grupo social ao qual pertence.

Muitos são os documentos escritos que podem ser trabalhados em sala de aula, como forma de problematizar e refletir sobre o conhecimento histórico. Propiciam reflexões sobre a relação presente/passado e possibilitam ao aluno o entendimento de como esse conhecimento tem sido construído pelos historiadores e pesquisadores.

Segundo Bittencourt (2004), os documentos escritos são os mais utilizados em sala de aula, assim como, também, pelos livros didáticos. Sua contribuição, como material didático, é justificada pela sua importância enquanto mecanismo metodológico para o desenvolvimento do pensamento histórico. Através de sua utilização e interpretação, o professor pode levar o aluno a compreender o processo de produção do conhecimento histórico. No entanto, o professor deverá ter alguns cuidados no seu uso em sala de aula. Os documentos devem ser entendidos como fontes históricas que apresentam diferentes linguagens e, dessa forma, necessitam ser interpretados e analisados de acordo com suas características. É preciso, porém, adequá-los ao nível de escolarização dos alunos e utilizá-los de acordo com os objetivos de aprendizagem.

É necessário escolher o momento adequado para trabalhar com documentos, definindo claramente as intenções didáticas, considerando a especificidade e significado da temática histórica estudada. São necessários critérios de escolha de documentos a serem utilizados como material didático (PCNS, 1998). É a análise do documento, em seus detalhes, que irá permitir a construção de procedimentos e atitudes de pensar/refletir historicamente e construir conhecimentos de natureza científica.

O trabalho com documentos possibilita o diálogo do aluno com as fontes históricas, a significação da pesquisa e a construção do espírito crítico e argumentativo. Com isso, a sala de aula passa a ser um local onde a relação professor/aluno acontece no nível dialógico, construtivo e criativo.

A utilização de documentos escritos pode ocorrer com o uso de jornais, crônicas, revistas, discursos, cartas, leis, anúncios, relatos de viagens, diários, depoimentos, lendas, receitas médicas, testamentos, textos literários, artigos, processos paroquiais e inquisitoriais, entre outros. Como argumenta Bittencourt (2004, p. 330):

Um documento pode ser usado simplesmente como ilustração, para servir como instrumento de reforço de uma idéia expressa na aula pelo professor ou pelo texto do livro didático. Pode também servir como fonte de informação, explicitando uma situação histórica, reforçando a ação de determinados sujeitos, etc., ou pode servir ainda para introduzir um tema de estudo, assumindo neste caso a condição de *situação-problema*, para que o aluno identifique o objeto de estudo ou o tema histórico a ser pesquisado.

O trabalho com documentos, no processo de ensino, deve ocorrer a partir de sua

problematização. O documento não fala por si só, ele deve ser interrogado a partir do problema e da temática estudada, construindo sua relação presente/passado. Para isso, é necessário estabelecer um diálogo com a fonte, é preciso fazer a escolha de um método, isto é, escolher procedimentos que orientem temas e contextos na observação, na identificação de idéias, na descrição do que foi identificado, na distinção de relações de oposição, associação e identidade entre as informações levantadas e na interpretação dos dados, considerando a relação presente/passado (PCNs, 1998).

Nos *diários, crônicas, relatos de viagem e receitas* questionar o documento: Quando foi produzido? Quem foi o viajante? Quem fez a receita? O que observou? Quem era o sujeito histórico que escreveu a crônica, o diário ou a receita? Com que objetivo a receita foi feita? Qual era a visão de mundo do autor? Qual o contexto da época em que o documento foi elaborado? O professor deve estimular a pesquisa em outras fontes para que o aluno possa entender o contexto relacionado ao documento estudado.

Nos *textos literários, jornais e revistas*, devemos promover o diálogo com o texto, questionar as idéias apresentadas, compará-las com outras abordagens; fazer relações com o momento presente, de forma a perceber no tema as continuidades, descontinuidades, semelhanças e diferenças; selecionar artigos (antigos e atuais) que possam ser apoio para o tema que queremos tratar; refletir sobre o texto, construir ilustrações de forma variada e transmitir a idéia central; promover discussões em grupo e, posteriormente, elaborar conclusões, possibilitando ao aluno opinião sobre o assunto. É importante ressaltar que, no uso de textos de

jornais em sala de aula, devemos ter o cuidado de identificar a notícia como um discurso que não é neutro, pois defende grupos e interesses, apresentando, assim, seus limites.

Nas *lendas e anúncios*, podem ser utilizadas diferentes lendas que são normalmente selecionadas para explicar a História, fazendo sua leitura e procurando interpretar o seu conteúdo. Verificar o que realmente a lenda quer transmitir sobre determinada realidade, identificando a diferença entre a lenda e a história real. Questionar o conteúdo do anúncio, as estruturas usadas para anunciar, os sujeitos históricos que anunciaram, os termos utilizados, as idéias e visões de mundo que o anúncio traz. Devemos pesquisar o jornal que fez o anúncio, comparando-o com os anúncios de hoje (o que se anuncia, o que se vende), perceber semelhanças e diferenças, continuidades e descontinuidades, transformações e permanências.

Nas *cartas, leis e tratados*, é necessário identificar a época do documento e os sujeitos históricos envolvidos ou neles citados. Identificar quem escreveu, de onde escreveu e por que motivo foi escrito. Pesquisar sobre o assunto tratado pelo documento, construindo argumentos, hipóteses e conclusões. Estabelecer relações com o mundo real do aluno, levando-o a pensar historicamente.

Nos *depoimentos, testamentos e discursos*, é importante identificar os sujeitos históricos, captando o contexto, lendo nas entrelinhas e nos silêncios do depoente; refletir sobre o contexto dos protagonistas e sobre os fatos históricos referidos no documento; questionar os problemas abordados ou denunciados; identificar as visões de mundo transmitidas pelo discurso, refletindo sobre quem fala e sobre os interesses que defende; relacionar com os do-

cumentos atuais, estabelecendo semelhanças e diferenças.

As *poesias* podem se transformar em um recurso didático importante nas aulas de História, unindo Literatura e História. São excelentes veículos para o desenvolvimento de trabalhos interdisciplinares, pois, ao mesmo tempo em que se introduz o conhecimento histórico, desenvolve-se o hábito e o gosto pela leitura. As poesias ou poemas, ao serem selecionados, deverão ser significativos e dizer algo para o conhecimento histórico a ser trabalhado. É importante contextualizar a obra literária no tempo e no espaço e indagar sobre sua autoria (Quem era? O que defendia? Onde vivia?). Os trabalhos interdisciplinares nessa área possibilitam ao aluno outras informações que permitem recriar o contexto histórico estudado. As poesias ou poemas devem ser interpretados com construção de pequenos textos, podendo também ser reescritos ou ilustrados.

A partir da utilização de documentos escritos, inúmeras atividades podem ser realizadas, como: a) releitura do texto com ilustrações de diferentes formas, definindo a idéia principal; b) imaginar o cotidiano (de acordo com o tema) e comparar com o cotidiano atual, concluindo sobre semelhanças e diferenças; c) escrever um texto com as argumentações e conclusões; d) elaborar perguntas que levem o aluno a interpretar, analisar e pensar historicamente; e) realizar discussões em grupo e construir coletivamente conclusões e sugestões; f) planejar entrevistas sobre o tema e discuti-las com o grupo.

Utilização de imagens

As imagens têm sido utilizadas reiteradamente como material didático para o ensino de

História, adquirindo caráter educativo e pedagógico. Trabalhar com imagens possibilita ao aluno entrar em contato com testemunhos diretos de temas históricos. O uso de imagens em sala de aula exige, porém, uma proposta metodológica alicerçada em pressupostos pedagógicos e historiográficos para que se torne uma fonte importante no processo de ensino e aprendizagem. O uso recorrente do cinema, da fotografia, da televisão, entre outros, possibilita o trabalho em sala de aula com o sujeito histórico em ação através do gesto e da voz.

Bittencourt (2004) lembra que:

No campo educacional existem, na atualidade, pesquisas com maior preocupação quanto ao tratamento cognitivo da informação transmitida pela imagem [...]. Os aspectos relevantes que pesquisadores têm destacado concentram-se na forma de recepção da imagem e nas possibilidades didáticas para a renovação dos métodos de ensino para as diversas disciplinas escolares (p. 364-5).

As *fotos* têm sido uma fonte importante para os historiadores. A fotografia, enormemente difundida no século XX, destaca-se pela sua possibilidade de reproduzir o real. Os cenários históricos e os atores, registrados em fotografias, passaram a ser importantes fontes para o estudo de temas contemporâneos.

As fotografias podem ser trabalhadas como documentos que contam a história de um determinado momento, sendo representações do real. A atitude, ao analisá-la em sala de aula, deverá ser de desconstrução em que se adotará uma postura questionadora, identificando a época, estilo fotográfico, motivo da fotografia, análise do ângulo privilegiado, costumes e vestimentas da época, posição das pessoas na foto. A análise da foto poderá abranger também o

estudo do autor da fotografia: Quem era? Onde vivia? A que grupo pertencia? Por que fotografou? O que queria registrar? Devemos lembrar que a foto congela um determinado momento, pode ser previamente preparada ou ser registro de momentos inusitados. Segundo Zamboni (1998),

[...] a fotografia não é apenas uma ilustração, é um documento direcionado. Cada fotografia tem um significado e gera significantes, cada pessoa que olha uma fotografia ou um desenho, passa a lê-los com um determinado olhar e busca, nestas representações, uma mensagem (p.89).

As fotos podem ser utilizadas para estabelecer semelhanças e diferenças, mudanças e permanências, através de comparações das fontes utilizadas. A fotografia pode ser o caminho para o entendimento de determinado momento histórico, estabelecendo as relações do passado com o mundo real do aluno.

Também o uso de *pinturas e gravuras* é uma das possibilidades de trabalho com fontes e objetos imagéticos para estudar momentos históricos. No trabalho com essas fontes históricas, devemos ter uma postura questionadora do documento, observando formas, cores, personagens, ações, vestimentas, paisagens. É necessário tentar interpretar a mensagem que o documento quer transmitir, viajar na época em que ele foi produzido, reconstruindo contextos e momentos históricos. É importante conhecer dados da autoria para que possamos perceber intenções e valores que o documento possa emitir.

Os filmes e documentários podem se transformar em uma ótima ferramenta de trabalho quando bem escolhidos. O trabalho de historia-

dores com a iconografia cinematográfica iniciou na segunda metade do século XX, quando, principalmente, Marc Ferro, um dos primeiros historiadores a pesquisar sobre cinema e História, destacou que o cinema reconstrói a realidade com base em uma linguagem própria, produzida em um determinado momento histórico (FERRO, 1992).

Porém, como afirma Macedo (2003), não podemos desconhecer “[...] a natureza ficcional, os compromissos estéticos e as vinculações ideológicas de determinadas obras cinematográficas” (p. 119).

A exibição de um filme deve ser precedida de boa preparação, de acordo com os objetivos da aula. O professor deve ensinar a seus alunos que o cinema, como qualquer produção humana, está permeado de intencionalidades e não representa fielmente o contexto histórico. Quando utilizado em sala de aula, devemos destacar os artifícios usados pelo diretor para passar aos espectadores seus sentimentos, idéias e valores. Deve ser entendido como um produto da indústria cultural que deve ser consumido; portanto, muitas vezes, confirma o que o público quer ouvir ou ver.

Algumas regras gerais devem ser observadas no uso de filmes e documentários como ferramenta didática:

- utilizar o filme não apenas como ilustração do conteúdo estudado, mas para desenvolver no aluno competências de entendimento das imagens em movimento. A inclusão de filmes no planejamento do professor deve ser feita com base em determinados critérios, evitando os que levam à vulgarização do conhecimento histórico.

- O filme deve ser um recurso didático e sua seleção deve estar vinculada aos conteúdos trabalhados pela disciplina, justificando o seu uso, devendo, também, estar adaptado à faixa etária dos alunos e apresentar um nível de qualidade. O professor deve conhecer, previamente, as críticas e recomendações existentes sobre os filmes ou documentários utilizados.

- Para que o trabalho tenha bons resultados e seja enriquecedor, sugerimos que as críticas sejam realizadas a partir da análise do aluno, após a projeção do filme, para não desestimular sua criatividade. As recomendações iniciais devem ser direcionadas apenas para aspectos básicos que, posteriormente, poderão subsidiar a análise crítica.

- No trabalho com filmes, o aluno deve ser alertado sobre imagens vistas na tela que foram intencionalmente colocadas com o objetivo de transmitir emoção, idéias e valores.

- A utilização de filmes em vídeo apresenta a vantagem de congelar imagens ou permitir que cenas sejam vistas mais de uma vez, possibilitando novas leituras e interpretações.

- Os documentários são indicados quando dispomos de pouco tempo ou quando o assunto tratado assim o exigir.

- A utilização de filmes e documentários, porém, deve ser planejada, evitando seu uso demasiado. Portanto, é importante intercalar o trabalho com filmes e documentários com outras atividades como a leitura de livros e construção de textos.

O uso de *charges e caricaturas* permite realizar leituras que produzem significados e possibilitam diferentes reflexões. Essas imagens podem ser utilizadas no cotidiano da sala de aula para ilustração e interpretação de momentos históricos, tanto de imagens antigas quanto

atuais. É um recurso que permite trabalhar, principalmente, a História Política, utilizando as charges e piadas políticas ao longo da História. Assim, partindo de conceitos políticos, discutimos e refletimos a História pelo viés do cômico, através de charges de jornais, revistas, desenhos e cartuns, que sempre apresentam outras leituras. O aluno deve entender que as charges são recursos que podem servir como diversão, mas também podem ser instrumento de ataque, de denúncia ou de ridicularização. No ensino, através do humor, podemos encontrar diferentes categorias:

Caricatura - representação gráfica da figura humana cujas feições e traços mais característicos da personalidade são exagerados, deformados e evidenciados pelo artista.

Charge - é a caracterização do humor com caráter exclusivamente político, é a crítica humorística de um fato ou acontecimento específico da realidade. Geralmente, é um produto jornalístico.

Cartum - arte, através de desenhos em quadros, de representar o humor no que se refere às idéias, críticas ou denúncias.

Muitos utilizam a caricatura e charge indistintamente. Observamos que, muitas vezes, a caricatura faz parte de uma charge ou de um cartum, ou aparece de forma independente. A elaboração de um desenho humorístico vai exigir do aluno o desenvolvimento da capacidade de observação e, em menor escala, uma técnica de desenho apurada. Nas aulas de História, professores e alunos podem confeccionar suas próprias charges, utilizando-as como um recurso didático de contextualização do conteúdo ministrado na disciplina.

Utilização da música

Entre as linguagens alternativas para o ensino de História, a música tem ocupado espaço significativo, por ser reveladora do registro da vida cotidiana e contribuir para o estudo de diferentes contextos sociais. As canções podem ser importantes documentos para a pesquisa e as representações sociais, facilitam a compreensão do conhecimento histórico pelo vínculo que estabelecem entre os alunos e os grupos que viveram em outros contextos históricos. A música revela momentos, épocas e culturas, constituindo-se uma das formas mais significativas da expressão humana. As atividades que envolvem composições musicais proporcionam, na sala de aula, momentos agradáveis, pois envolvem também o lúdico.

O professor pode contextualizar historicamente as letras, os sons e os instrumentos. Esse exercício deve ser realizado antes de se escutar a composição, para que tenha sentido e significado. Poderá também problematizar a atividade, questionando elementos como a criação, o lugar onde surgiu, os comentários sobre o autor, o interesse do aluno e o significado da composição. Sempre que possível, devemos levantar, antecipadamente, dados sobre o compositor e comparar a música com outras de diferentes períodos e lugares.

O momento da audição é importante e deve ser planejado, ouvindo a música pelo menos duas vezes. No primeiro momento, fazer com que os alunos ouçam livremente a canção. Após, o professor deve iniciar, de forma coletiva, a orientação da interpretação e análise do conteúdo da composição, destacando os trechos mais importantes, grifando palavras desconhecidas e

discutindo com os alunos o significado de cada estrofe da música.

A música utilizada como recurso em sala de aula revela a história da sociedade nos seus diferentes aspectos, é mais forte que o texto, porque envolve os alunos emocionalmente e acentua a sensibilidade para a observação histórica. A utilização da música facilita a assimilação e fixação de conteúdos, considerando que é uma linguagem universal. As canções proporcionam a realização de uma viagem no tempo e no espaço e são fontes de estímulo à criatividade e à capacidade de expressão. Porém, o professor deve estar atento à adequação do conteúdo que está desenvolvendo e à faixa etária dos alunos.

Construção de histórias em quadrinhos

Apesar de as histórias em quadrinhos terem sido, por muito tempo, alvo de críticas pelos educadores de forma geral, hoje, novos estudos sobre esse recurso superaram as posições anteriores, apresentando os resultados positivos e a sua importância no processo de aprendizagem. Através da confecção de histórias em quadrinhos, as crianças e jovens desenvolvem o gosto pela leitura e, através de atividades lúdicas, criam personagens, imaginam histórias, vinculando-as aos conteúdos da disciplina. As histórias em quadrinhos apresentam uma grande potencialidade como recurso didático. Podem ser aproveitadas para trabalhos interdisciplinares com a Geografia, Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Educação Artística, fazendo com que o trabalho em sala de aula se torne significativo e prazeroso. Ao trabalhar com histórias em quadrinhos, o professor deve, primeiramente, fazer a análise de algumas para

que o aluno possa perceber os elementos mais importantes e as etapas de sua construção.

Segundo Acevedo (1998), os principais momentos para montagem de uma história em quadrinhos são:

- *Criação dos personagens* - O autor deve planejar tudo, desde os protagonistas aos tipos secundários, para não cair em contradição mais tarde. O ideal é ter presente cada personagem, com personalidade, aspecto físico, estilo do vestuário, hábitos. Nessa fase, o artista deve desenhar cada um dos tipos em posições variadas e com expressões características. É necessário um certo treino no traço para que o personagem seja reconhecido.

- *Argumento e roteiro* - O argumento é a idéia geral da história, com começo, meio e fim. O roteiro deve ser planejado quadro a quadro. É também o momento em que os alunos definem a diagramação, a descrição das cenas e definição dos diálogos.

- *Desenho* - As linhas de todos os elementos das páginas são marcadas a lápis como os personagens, cenários, balões, onomatopéias (palavras que reproduzem sons naturais, como Tchibum! Poh! Crás!) e os contornos dos quadrinhos.

- *Letras* - Com tinta nanquim ou caneta hidrográfica (preta de ponta fina), o texto dos balões e as onomatopéias são finalizados. O planejamento dos textos e dos desenhos deve ser feito de forma paralela para que, no final, não haja a falta de espaço nos balões.

- *Arte-Final* - Todos os elementos gráficos recebem a tinta preta, cobrindo os traços a lápis e corrigindo falhas.

- *A cor* - É a última etapa da construção. Os alunos podem optar por lápis de cor, canetas coloridas ou outra técnica de pintura que tenha sido trabalhada.

Construção de linhas cronológicas

Principal desafio dos professores de História é levar seus alunos a ler e interpretar a realidade em que vivem. Para isso precisam localizar acontecimentos passados - sem usar a memorização de datas - conhecer a origem de situações sociais, políticas e culturais que permanecem até os dias de hoje e identificar as mudanças ocorridas no decorrer do processo histórico. A *Linha Cronológica* ou *Linha de Tempo* auxilia na formação de noções de anterioridade, posterioridade e contemporaneidade.

De acordo com Bezerra (2003),

a dimensão da temporalidade é considerada uma das categorias centrais do conhecimento histórico. Não se trata de insistir nas definições dos diversos significados de tempo, mas de levar o aluno a perceber as diversas temporalidades no decorrer da História e ter claro sua importância nas formas de organização social e seus conflitos (p. 44).

Sendo assim, as Linhas Cronológicas têm como função fazer o aluno compreender a ordenação, a simultaneidade e a sucessão de fatos históricos e as relações entre eles, caracterizando épocas, formando conceitos e fazendo a leitura da realidade em suas dimensões espacial e temporal, respeitando visualmente as escalas de tempo. Entretanto, devemos usar a linha cronológica como uma ferramenta de apoio ao ensino e aprendizagem, não como um fim em si mesmo. Ao elaborar linhas cronológicas, o professor deve subsidiar os alunos com material de pesquisa que contextualize os acontecimentos marcados para que possam destacar semelhanças e diferenças entre eles, as permanências e as mudanças ocorridas no período estudado.

Sugerimos, também, o uso de duas ou mais linhas de tempo simultaneamente, com temáticas diferentes, para que o aluno perceba que a História ocorre simultaneamente em diferentes lugares. As linhas cronológicas poderão partir da história de vida do aluno, da turma, do bairro ou da cidade. As linhas de tempo devem ser construídas de forma gradativa e sempre por toda a classe, e os temas escolhidos devem estar de acordo com os objetivos da disciplina. Devem, também, contemplar fatos de curta, média e longa duração.

Alimentação, vestuário e utensílios

A *história da alimentação* faz parte da história do cotidiano e pode abranger, além da história dos alimentos, a sua produção, distribuição, preparo e consumo. O consumo é importante, mas também o quando, onde, como e com quem se consomem os alimentos.

O tema da alimentação, por ser uma característica vital de todo ser humano, a todos interessa e todos com ele se identificam. Por esse motivo, o assunto caracteriza-se como um importante caminho para a compreensão de um determinado tempo histórico, como também para pesquisa e divulgação histórica. O assunto apresenta uma infinidade de fontes que estão a nossa volta, mesmo quando é um simples prato de comida, técnicas de preparo, combinação de ingredientes, pois revela muito sobre a cultura e mentalidade de um povo. O estudo da alimentação pode motivar o aluno a saber, falar ou pesquisar sobre determinado povo ou sociedade.

O *vestuário* é outro elemento da História do Cotidiano em que uma nova maneira de estudar História muda o foco dos grandes homens

e seus feitos para as pessoas comuns e seu dia-a-dia, analisando costumes da vida real, diminuindo a distância em relação ao passado. Se examinarmos as diferentes vestimentas usadas no decorrer dos tempos, poderemos perguntar: o que significa cada uma delas? O que representam vestimentas diferenciadas em determinada sociedade? Qual o significado das cores e bordados? Percebemos que é fácil transformar roupas em história, pois observamos costumes, hábitos, valores, cenários e modos de vida. As vestimentas são um ótimo caminho para mergulhar no passado. Analisando a forma de um povo se vestir, é possível entender seus hábitos e sua cultura, além de muitas estruturas sociais. Para isso, é preciso partir de um questionamento baseado em vivências sociais do presente. O estudo do vestuário deve fazer parte de problemáticas sociais relevantes e abrangentes, evitando o seu estudo como algo exótico ou extraordinário.

Os *utensílios* constituem-se também em fontes importantes para o ensino da História. Utilizados por diferentes grupos sociais, em diferentes épocas, podem revelar contextos e características das sociedades estudadas. Ao selecionar o material a ser trabalhado para ilustrar momentos históricos, devemos indagar sobre sua origem, sua utilidade, atualidade, contar sua história, procurando problematizar, fazendo relações com o momento presente. Discutir questões ligadas à continuidade, descontinuidade, semelhanças, diferenças e transformações. Nesse contexto, podem ser trabalhados utensílios de uso doméstico, meios de comunicação e informação, instrumentos de trabalho, entre outros.

Maquetes e jogos didáticos

A utilização de *maquetes* tem como objetivo fazer com que o aluno represente no trabalho aquilo que julgou mais importante ou relevante do assunto abordado em sala de aula. Para isso, é necessário que o professor exponha, primeiramente, o conteúdo sobre o qual os alunos irão construir a maquete. No decorrer do trabalho, devemos salientar os pontos mais importantes do tema para que os alunos possam aplicar o recurso, representando esses aspectos na maquete. Durante a exposição do tema, o professor poderá trabalhar com imagens, especialmente gravuras e pinturas da época, incentivando e subsidiando a construção do cenário a ser criado.

Sugerimos que a maquete seja feita em grupos, de forma que todos possam participar, expressando suas idéias e criatividade durante o processo de construção. Um pequeno texto deve acompanhar o trabalho, contendo a explicação dos fatos, contexto e o motivo pelo qual a maquete foi construída.

Os *jogos didáticos* são recursos importantes na fixação, discussão e reflexão dos conhecimentos históricos trabalhados em sala de aula. A utilização de atividades lúdicas pode contribuir para a obtenção de resultados positivos no processo de aprendizagem e pode ser mediadora de avanços, colaborando para que o ambiente da sala de aula seja agradável e atraente. O lúdico apresenta valores específicos e diferenciados para todas as fases da vida humana; então, é importante adaptar o tipo de jogo à idade dos alunos. O que percebemos é que a criança e mesmo o jovem apresentam uma certa resistência à escola e ao ensino, porque, em geral, ela não é lúdica, não é prazerosa. Atra-

vés de atividades lúdicas, o aluno explora muito mais sua criatividade, melhora sua conduta no processo de ensino-aprendizagem e também a sua auto-estima.

Existem inúmeros jogos que podem ser utilizados, desde os mais simples, como cruzadinhas, caça-palavras, perguntas e respostas; aos mais reflexivos, como os que envolvem a construção de conceitos (cara metade), reflexão e discussão (júri simulado, explosão de idéias, grupos de discussão). Outros apresentam situações de descontração e criatividade como o jogo da mímica, artista de improviso, representações de fatos históricos e jogos-surpresa (jogo do embrulho ou da caixa).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos anos, apesar da diversidade de realidades educacionais, percebemos um movimento de renovação no ensino da História. Essa renovação é decorrente das novas possibilidades de temas, problemas, objetos e fontes colocadas pelas novas abordagens historiográficas. As mudanças educacionais ocorridas na década de 1990, após o período de abertura política, possibilitaram à área das Ciências Humanas, principalmente ao ensino da História, Geografia e Filosofia, um redimensionamento no currículo da Educação Básica. Junto a esse movimento de renovação de abordagens, modificam-se também as estratégias para o ensino da História.

Porém, ainda coexistem nas escolas formas diferenciadas de ensinar e aprender História. Junto ao movimento de renovação, ainda persistem abordagens tradicionais que tornam a aula de História árida, monótona e sem significado.

Embora a mudança seja foco das preocupações dos professores da área, o ensino de História ainda é pouco investigado e seu estudo é considerado, muitas vezes, como pesquisa “menor”.

O uso de linguagens alternativas no ensino de História amplia o campo metodológico do professor, torna o processo de aprendizagem dinâmico e dá significado ao conhecimento histórico trabalhado em sala de aula. Ao incorporar novas linguagens no ensino de História, evidenciamos a relação existente entre o conhecimento histórico escolar e a sociedade, inovando o processo de aprendizagem. O professor passa a exercer um novo papel, não mais apresenta um monólogo para seus alunos, mas possibilita o contato com o real, com situações concretas que tornam o passado distante algo inteligível, supera a História linear e possibilita o desenvolvimento da autonomia intelectual dos alunos. O ensino de História, ao estimular o contato com o real, contribui para o processo de formação do aluno/cidadão e prepara para a convivência nos diferentes espaços da sociedade.

Porém, para que novas estratégias metodológicas realmente façam parte das aulas de História, o desafio é enfrentar a rotina da sala de aula, modificá-la, despertar no aluno o prazer pelo conhecimento, desvendar melhor a realidade que nos cerca e buscar novas formas de transmissão do saber histórico, superando as tradicionais e monótonas aulas factuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACEVEDO, Juan. Como fazer um Gibi. **Revista Nova Escola**. Edição 111, Abril/1998.
- BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.
- BEZERRA, Holien Gonçalves. Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos. In: KARNAL, Leandro (org.). **História na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 37-48.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História**. Brasília: MEC/SER, 1998.
- CARBONARI, Maria Rosa. Que fazemos com a História? In: DAVIES, Nicholas (org.) **Para além dos conteúdos no ensino de História**. Rio de Janeiro: Acess, 2001.
- FERRO, Marc. **Cinema e história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História**. Campinas: Papyrus, 2003.
- GOMES da COSTA, Antonio Carlos. Mudar o Conteúdo, o método e a gestão. **Folha de São Paulo**, 27 de março, 2003. (Folha on line – Sinapse). Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u508.shtml>>. Acesso em: 1º outubro de 2006.
- MACEDO, José Rivair. Repensando a Idade Média no Ensino de História. In: KARNAL, Leandro (org.) **História na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 109-125.
- ZAMBONI, Ernesta. Representações e linguagens no ensino de História. **Revista Brasileira de História**. v. 18, n. 36, São Paulo, 1998.